

Aumento da temperatura e desastres naturais hipotecam o futuro de África

De acordo com um relatório divulgado pelas Nações Unidas, o continente africano é o mais vulnerável às alterações climáticas e está já a sofrer as suas consequências. Esta vulnerabilidade extrema explica-se, segundo a ONU, pelo facto de cerca de 70 por cento dos africanos viverem da agricultura - cujo rendimento depende em mais de 95 por cento da água da chuva -, afectada por secas e inundações cada vez mais frequentes.

Uma situação paradoxal, porque apesar de ser o continente que menos contribui para a produção de gases com efeito de estufa é um dos que maiores consequências directas sofre ao nível económico e humanitário.

Os efeitos adversos das alterações climáticas começaram já a surtir efeito no próprio país anfitrião do encontro, o Quênia. De acordo com a organização humanitária britânica Oxfam, a região de Mitoandei, até há uns anos considerada fértil, tem vindo a tornar-se árida na última década por causa da rarefacção das chuvas, levando a que o número de agricultores tenha baixado de trezentos para apenas dois.

E as consequências poderão vir a ser bem mais catastróficas para o futuro em África. De acordo com um relatório das Nações Unidas divulgado nesta conferência, o rendimento das culturas cerealíferas deverá baixar cerca de 5 por cento até 2080 e o número de pessoas ameaçadas pelas inundações costeiras passará de um milhão em 1990 para 70 milhões em 2080. O documento refere ainda que "mais de 185 milhões de pessoas na África subsaariana poderão vir a morrer de doenças directamente atribuídas às alterações climáticas até ao final do século".

O Fundo Mundial para a Natureza (WWF) adverte, por seu lado, que as consequências das alterações climáticas no continente não se irão restringir a questões de ordem socioeconómica mas também conduzirão a retrocessos nas poucas melhorias alcançadas em termos de política ambiental nos últimos anos.